

Viagens inventadas

Crônicas e quase contos

MARINALDO CUSTÓDIO

© 2010. Direitos desta edição reservados para Entrelinhas Editora.

Edição e projeto gráfico Maria Teresa Carrión Carracedo
Produção gráfica Ricardo Miguel Carrión Carracedo
Chefe de Arte Helton Bastos
Arte final Ronaldo Guarim Taques
Ilustração da capa Wander Antunes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Custódio, Marinaldo
Viagens inventadas : crônicas e quase contos /
Marinaldo Custódio. -- Cuiabá, MT : Entrelinhas,
2010.

ISBN: 978-85-79920-08-0

1. Crônicas brasileiras I. Título.

10-12510

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Crônicas : Literatura brasileira 869.93

Impresso no Brasil

1ª edição em dezembro de 2010 • 2.000 exemplares

Reprodução proibida

Art. 184 do Código Penal e Lei 9.610, de 19 de fevereiro de 1998.

Nenhuma parte desta edição pode ser reproduzida ou utilizada – em quaisquer meio ou forma, seja mecânico ou eletrônico, fotocópia ou gravação, etc, – nem apropriada ou estocada em sistema de banco de dados sem expressa autorização.

ENTRELINHAS EDITORA

Av. Senador Metello 3.773 • Jardim Cuiabá

78030-005 – Cuiabá, MT, Brasil

Distribuição e Vendas: (65) 3624 5294

www.entrelinhaseditora.com.br • e-mail: editora@entrelinhaseditora.com.br

Viagens inventadas

Crônicas e quase contos

MARINALDO CUSTÓDIO

 entrelinhas

Cuiabá, 2010

Agradeço a:

Delvaldo Benedito de Souza

pelo apoio nos primeiros tempos em Cuiabá;

Adenilson Valério

Gustavo Cardoso

Paulo Renato Silva

Mauro Camargo

Wander Antunes

por serem decisivos agora,

na feitura do livro

No geral,
à família e aos amigos todos

No particular, para
o meu primo *Nilson José*
e as crianças Victor e Milena

“Vi terras da minha terra,
Por outras terras andei,
Mas o que ficou marcado
No meu olhar fatigado
Foram terras que inventei.”

Manuel Bandeira, em “Testamento”

“É certo que a vida não
explica o sentido da obra,
mas também é certo que
elas se comunicam.
A verdade é que esta obra
a ser feita exigia esta vida.”

*Merleau-Ponty sobre Cézanne,
em tradução livre*

Sobre *Viagens inventadas*

Por certo e não descartando nunca a força do elemento autobiográfico, este livro é um registro meio ficcional meio real das experiências vividas pelo autor, das estradas percorridas entre a terra natal, o Oeste paulista, e a terra adotada, o estado de Mato Grosso – interior e capital.

Nesse sentido, as viagens em foco (ou as histórias contadas) têm motivo verdadeiro mas são inventadas ou são verdadeiras porém com motivo inventado. Mas isso não significa nenhuma novidade, pois, conforme observa o escritor, certamente a mesma coisa acontece com toda a literatura, com todo autor.

Objetivamente, o livro tem suas origens no ano de 2004, quando, após voltar do mestrado (em literatura brasileira) feito na Universidade Federal Fluminense, em Niterói, Marinaldo Custódio publicou seu primeiro conto, na revista *RDM*, de Cuiabá. A coragem para publicar aquele conto (“Os tesouros sonhados”), escrito a partir da lembrança de uma história contada pelo pai em sua infância, ele diz dever basicamente a três pessoas: os amigos litera-

tos Juliano Moreno e Wander Antunes que o incentivaram a “enfrentar a fera” da publicação ficcional e o então editor da revista, Eduardo Gomes, o Brigadeiro, pela fé no seu potencial de escritor.

Do registro entre o real e o imaginário, das estradas percorridas entre o Oeste paulista e Mato Grosso, faz-se este *Viagens inventadas: crônicas e quase contos*. Mas faz-se também, muito, de gente andando pelas ruas, de mesa de bar, de coisas e personagens relacionados a universidades, bancas de jornal e revista, livrarias, cafés, redação de jornal e, principalmente, de música popular – englobando todas as modalidades, da MPB ao rock rural, do romântico brega ao caipira (ou sertanejo).

Então, o livro é mesmo isto: um mundo particular, um certo jeito de ver o mundo, de ver o Brasil (especialmente o Brasil do interior), numa trajetória que vai do Oeste paulista, do córrego do Tanquinho, entre Mesópolis e Paranapuã, às barrancas do Paraguai e do Jauru, em Mato Grosso. No caminho, Votuporanga, São Paulo, Bauru, Cuiabá, Chapada dos Guimarães e São José dos Quatro Marcos, entre outros, que vão lhe servindo de cenário para as crônicas e os (quase) contos.

Minha vaca foi pro brejo; a do Marinaldo, não!

Mauro Camargo¹

Uma preocupada secretária de redação interrompe minha conversa com o Marinaldo:

– *Cinco horas!*

– *Cinco horas? Vamos, Marinaldo, chega de sonhar por hoje que o caderno “Vida” já deve estar na rotativa. Daqui até as oito é um sufoco só!*

Assim era. Até cinco da tarde. Entre a discussão de uma pauta, a produção de um editorial ou o acompanhamento de uma cobertura, dava pra ter um dedo de prosa de cinco ou dez minutos, que ninguém é de ferro. Depois das

1 **Mauro Camargo** é jornalista. Foi diretor de redação de *A Gazeta*, de Cuiabá, onde o projeto deste livro teve início.

cinco, nem pensar! Tirando o primeiro caderno, que fechava às dez horas, os outros todos tinham de descer pra gráfica até oito da noite.

Marinaldo, naquela época, era revisor. Profissional competente e um tipo raro nas redações. Apesar de paulista, sempre demonstrou certa paciência mineira, um traquejo típico de caboclo interiorano. Talvez por sua origem santa-albertinense, talvez em razão da convivência com a “mineirada” do Vale do Jauru. Com aquele seu jeito tranquilo, fala mansa, venceu as vaidades. Jornalista costuma ser bicho vaidoso. Quanto menos talentoso, mais vaidoso, mais dono da verdade e menos afeito a aceitar críticas ou correções.

A “mineirice” do Marinaldo contornou as vaidades. Não demorou muito pra ele ter autoridade sobre os textos revisados. Erros de grafia (que jornalista adora dizer que são erros de digitação), de concordância, de sujeito separado do verbo por vírgula e outros tantos recorrentes, Marinaldo corrigia sem consulta. Só levantava da cadeira quando se deparava com erros de informação: *Um grupo de cinco homens armados invadiu uma agência bancária do Bradesco, no Coxipó, região Sul de Cuiabá. Houve troca de tiros com policiais militares. Um assaltante foi baleado e preso. Dois conseguiram fugir.*

Lá vai Marinaldo ao repórter:

- Um foi preso. Dois fugiram. E os outros dois?
- Putz! Sei lá! Vou checar!

Assim era. Até o fechamento do jornal. Nas pequenas pausas, antes das cinco da tarde, em dias mais calmos, costumávamos trocar um dedo de prosa. Eu incentivando

Marinaldo a escrever um livro de crônicas ou de contos – sempre achei que o talento do Marinaldo exigia voos mais altos. Ele instigando meu sonho de ser “fazendeiro rico”. Era sonho sonhado acordado. Sonho proseado nos raros momentos de folga no conturbado dia a dia do jornal.

Meu sonho de ser fazendeiro? Foi pro brejo. Bem que eu tentei. Explico: salário de jornalista não é e nunca foi lá essas coisas. Pra manter um padrãozinho classe média, jornalista tem que ter dois, três empregos simultaneamente. Então, dinheiro pra comprar fazenda e gado nem pensar! Teimoso, decidi que precisava de um começo, algo que se encaixasse nas minhas finanças.

Foi aí que tive uma ideia de jerico: criar vacas leiteiras. Tomei coragem, juntei minhas parcas economias, vendi um carro usado e fiz sociedade com meu genro, um ex-bancário que vivia, como se diz, com uma mão na frente e outra atrás. Arrendamos um pequeno sítio lá pras bandas de Campo Verde. Ele cuidaria da criação, da ordenha, dos trabalhos no sítio. Eu proveria o início do plantel e a manutenção do empreendimento. Se tudo desse certo, em quatro ou cinco anos nós compraríamos uma fazendinha e, nos finais de tarde, eu ficaria na varanda admirando a “nelorada” vagueando de mansinho pelo pasto, ruminando a braquiária verdinha e molhada de chuva.

Sítio arrendado e entusiasmo a mil, juntei os caraminguás. Um sitiante vizinho tinha a fama de ser bom comprador de vacas de leite e de ter contatos com produtores de leite do Sul. Entreguei o dinheirinho contado nas mãos do tal. Cerca de 20 dias depois, o sujeito retorna, na boleia de um boiadeiro. Havia arrematado holandesas de descarte

e, junto com elas, novilhas de primeira prenhez. No curral, escolhemos a dedo “o que de melhor trouxera o sitiante”.

Evidente que não podia dar certo: um jornalista e um ex-bancário escolhendo vacas de leite?

Assim foi. Escolhemos logo as novilhas “enxertadas”, de aparência mais saudável. Nada de vaca de descarte, vaca velha, que a gente não é besta. Tocamos os animais – cerca de 20, não lembro ao certo – pela estradinha de terra até o sítio arrendado.

– Êeeera vaca! Êeeera! Estávamos triunfantes. Agora éramos produtores rurais, quase fazendeiros. Bastava colocar as novilhas no curral, tirar e vender o leite. Já estava tudo esquematizado, até comprador pro leite já tínhamos. Mas qual? Que leite? Mal chegamos ao sítio e veio a notícia absurda de que aquelas novilhas só dariam leite depois de parir. Depois de parir? Quanto tempo? Prenhez de vaca dura nove meses?

Quando finalmente as novilhas pariram e o leite veio, estávamos falidos. Era ração (eita bicho que come!), vacina, remédio, vaca que havia morrido de picada de cobra, de raio... Pra encurtar o caso: perdi tudo. As vacas e o genro. E junto, as economias de uma vida. Quanto ao sonho de ser fazendeiro, não desisti. Vez por outra jogo na Mega Sena. Vai que acerto?

Não virei fazendeiro. Já Marinaldo, finalmente ouviu meus clamores e, por certo, o de muitos daqueles que o conhecem ou já leram algum de seus textos. Articulista, cronista, ensaísta, contador de histórias de primeira, Marinaldo nos mostra, em *Viagens inventadas*, toda sua verve de literato.

Um inefável Amado Batista instigando solitários quarentões a buscar por aventuras amorosas na internet? E o que Fernando Pessoa tem a ver com isso? Só lendo! O crânio de Raul Seixas como objeto de estudo nos “Isteites”? Só lendo!

Waldick Soriano hoje é “cult”. Virou até tema de documentário premiadíssimo, dirigido pela atriz Patrícia Pillar. Mas, antes disso, o decadente cantor brega foi visto em programa de pegadinhas na TV e até bebendo Natu Nobilis num boteco do interior paulista. Pra acreditar, só lendo!

A vida como ela é: jovem nordestino, com nome de cantor e charmoso como ele só, arrebatou o coração da viúva quarentona e endinheirada. Sua desgraça foi a formosura da pequena Djenane, filha mais nova da coroa. Uma paixão indecente que só podia acabar em tragédia. Coisa de Nelson Rodrigues. Só lendo!

Viagens inventadas é um inspirador passeio pelo cotidiano de pessoas anônimas – algumas nem tanto – que se transformam em personagens de crônicas hilárias, de insólitos (quase) contos. Da singeleza da vida interiorana às tragédias amorosas dos subúrbios das grandes cidades, das conversas de boteco às notícias de jornal, do sertanejo ao rock, do brega ao pop, de Waldick Soriano a Raul Seixas, tudo vira literatura da melhor qualidade.

A viagem	25
O segundo leitor	29
Câmeras	37
Rádio na estrada	41
Abundantemente corpo	47
Um artista nosso	
‘quase’ astro da RCA	51
Aprenda a fazer versos	57
Apenas um leitor	61
Dormir, dormir	65
Rock e mulheres	67
amorchegando.com	69
Desarvorados,	
escrupulosos e as forças cósmicas	73
Com o perdão do chavão	79
Fome e esperteza	81
Raul Seixas	
em três dimensões	85
O cantor que foi parar	
na página policial	89
Waldick Soriano e seu sócia	
num balcão de boteco	93
Receitas do meio-dia	99
O jovem que roubava	
livros – 2ª versão	105
O dia em que o fotógrafo	
não quis fotografar	111
Ônibus linha 411, parado	117
Caminhos	123

A viagem

Os acontecimentos desta crônica começam em Itaiti, no planalto central do Brasil, gleba que se transformou em cidade já na década de 1960. E trata da viagem que alguns habitantes do lugar tiveram de fazer em 29 de fevereiro de 1992, um fim de semana que haveria de ser sempre lembrado por ali, desde então.

Tiveram de fazer, bem entendido, pois tanto as testemunhas vivas com quem conversamos quanto os jornais e revistas que relataram o fato, à época, em nenhum momento mencionam que qualquer dos viajantes tivesse feito qualquer preparativo ou comentado a viagem com seus amigos e familiares (para quem os tinha).

Na turma “convidada” a viajar, tinha o Zé Fofo, um cinquentão sardento e razoavelmente letrado que falava até umas palavras em inglês. O povo do lugar garantia ter sido ele um brilhante professor, bem posto na sociedade, casado e com filhos, que um belo par de chifres havia levado à sarjeta. Tinha também o negro Aprígio, cachaceiro oficial da cidade, que dormia “na palha” e, por isso, muitas vezes amanhecia com o cabelo cheio de cascas de arroz. Um seu rival na cachaça, o também negro Parafuso, era outro integrante da inesperada expedição. Parafuso ficara famoso na

cidade e região pelas músicas que entoava pelas ruas, especialmente o estribilho que repetia sem parar no tempo das águas: “Deixa chovê, deixa moiá, / é no moiado que é mió de se brincá”. Outro destaque era o Cincão, um velho nordestino chegado a pescarias que perdera a razão não se sabe como. Relembra sempre as festanças de sua terra, daquelas de uma semana inteira emendando dias e noites, e das quais afirmava ser um dos mais firmes praticantes. Saía pedindo “cincão” pra todo mundo e também era dono de algum repertório, especialmente o “fizemo a úrtima viagem, / foi lá pro sertão de Goiás”, do cancionista sertanejo. Dentre as mulheres, destaque para a Nega Peta, que de negra e preta tinha só o apelido, decorrente do modo como tratava a todas as outras mulheres. Era branca e gorda, bonachona e só vivia nas ruas, segundo dizia, porque não lembrava mais onde ficava a sua casa. Com ela rivalizava a Bertina, mas esta era doida varrida e, ao que tudo indica, só não estava num hospício porque não existia um ali por perto.

Pois o prefeito de Itaiti, o Milton Birigui, resolveu colocar esses personagens, junto com mais uns vinte – alguns até menores de idade –, num ônibus e despachá-los rumo à capital do estado. Motivo: estavam enfeando a cidade, conferindo a ela má fama e era urgente tirar de suas ruas aquela gente tão feia, suja e maltratada. Ainda mais agora que o governador Feudo Campos a incluía em sua agenda de visitas ao interior, devendo chegar para o aniversário de emancipação política do município, em 31 de março. Chamou então o chefe de Transportes, o Chicão, e ordenou: “Me chame o Chiquinho da Ambulância, diz pra ele pegar o ônibus dos estudantes, ponha esses mendigos e loucos

dentro e solte eles lá na capital, perto da rodoviária. Lá, no meio de tanta gente, nem vão dar fé que aumentou a população de ‘excluídos’. Talvez até lucrem com eles, pedindo aos governos estadual e federal mais verbas para melhorar a questão social. Aqui, como isto não faz volume e não dá visibilidade, o governo não atende e essa escória só nos traz desgosto e prejuízo”.

Foi o ônibus velho, o Calhau dos Estudantes, rumo à capital, com aqueles tão feios e tristes passageiros. A maioria, convencida à força pelos cassetetes do delegado Olímpio e do bate-pau Tonhão. Porque a primeira tentativa, de levá-los por bem para “tratamento médico e odontológico”, não convenceu a ninguém, nem aos doidos que foram os primeiros a dizer que tinham um medo danado de dentista. Além do mais, não estavam doentes...

Noite alta, o Chiquinho tocando o ônibus na estrada de terra sob o luar do chapadão, aquelas figuras toscas e malvestidas vigiadas pelos policiais mais pareciam personagens de um filme de arte ou tipo B (tanto faz) ou, quem sabe, um instantâneo do Trem da Morte.

Às cinco e meia da manhã, passaram pela barreira policial na entrada da cidade, onde soldados à volta da garrafa de café fumegante, cigarros acesos e cara de sono, não os incomodaram. Foram rompendo as ruas, ainda com pouco movimento e se aproximando da rodoviária. Às 6 horas, os passageiros foram soltos em sua nova casa, antes devidamente advertidos pelos policiais para que nunca mais tivessem a ousadia de botar os pés em Itaiti.

Meio-dia e meia, todavia, estavam todos colocados num ônibus novo e maior da prefeitura da capital, dirigi-